

SANIDADE DENTRO DA TILAPICULTURA

REDIESS, Joyce Daniela Linhar
SPEGGIORIN, Giovanna Clara Munhak
JUNIOR, Edvaldo Geraldo

INTRODUÇÃO

Em 2024, a produção de peixes cultivados no Brasil atingiu 986 mil toneladas, superando o Chile e elevando o país ao topo do pódio produtivo, tornando-se o maior produtor de peixe cultivado das Américas. No entanto, o Brasil busca ir mais além: a meta é que, até 2040, o país alcance uma posição de liderança mundial na piscicultura. Diante disso, aproximadamente 80% dos recursos investidos serão de iniciativa privada, impulsionados pelo crescimento da tilapicultura, que se desenvolve em larga escala e avança mais rapidamente do que o poder público consegue acompanhar (MEDEIROS, 2025).

Segundo o presidente da Peixe BR, Francisco Medeiros, o alcance das metas da piscicultura nacional depende de investimentos estratégicos em áreas como genética, nutrição, manejo, equipamentos, sanidade, produção, processamento e comercialização, destacando a importância da biossegurança e dos programas sanitários para a sustentabilidade do setor (PEIXE-BR, 2025).

DESENVOLVIMENTO

A infecção causada por *Streptococcus* (estreptococose) figura entre as principais enfermidades responsáveis por altas taxas de mortalidade em tilápias cultivadas no Brasil, ocasionando significativas perdas produtivas e econômicas aos criadores (MARCUSO *et al.*, 2015). A estreptococose é um conjunto de doenças semelhantes causadas por diferentes bactérias, que podem afetar o sistema nervoso central (TORANZO *et al.*, 2005).

No Brasil, a espécie bacteriana predominante associada à doença é o *Streptococcus Agalactiae*. Esse patógeno é considerado o principal agente de risco sanitário em criações comerciais de tilápia-do-Nilo (*Oreochromis niloticus*) (LEIRA. *et al.*, 2016).



IMAGEM 01: Vacinação contra *Streptococcus agalactiae* (MSD, 2021).

Com isso, o uso de vacinas bacterianas tem apresentado resultados positivos tanto cientificamente quanto na produção, pois programas de imunização eficientes reduzem surtos de doenças e diminuem a necessidade de antimicrobianos (GUDDING & VAN MUISWINKEL, 2013).

As vacinas com células inativadas são amplamente utilizadas na aquicultura por seu bom custo-benefício na prevenção de doenças bacterianas (DUMRONGPHOL *et al.*, 2009). A imunização pode ocorrer por via intraperitoneal (i.p.), oral (v.o.) ou banho de imersão (b.i.), cada uma com diferentes níveis de proteção, praticidade e custo (GOMES; *et al.*, 2006).

A via i.p. oferece maior eficácia na proteção das tilápias, mas é mais trabalhosa e estressante, exigindo mão de obra qualificada. Já o método por b.i. é menos eficaz, porém mais prático e econômico, sendo indicado para peixes menores e em grandes lotes (NAKANISHI; KIRYU; OTOTAKE, 2002; EVANS *et al.*, 2004; PRETTO-GIORDANO *et al.*, 2010b).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tilapicultura é essencial para o avanço da piscicultura brasileira, mas doenças como a estreptococose ainda comprometem sua produtividade. A vacinação contra *Streptococcus agalactiae*, especialmente com vacinas inativadas, mostra-se uma medida eficaz e sustentável. A via intraperitoneal oferece melhor proteção, enquanto o banho de imersão é mais prático e econômico. A integração entre vacinação, manejo adequado e biossegurança é fundamental para a sustentabilidade do setor.

REFERÊNCIAS

- CHIDEROLI, R. T.; AMOROSO, N.; MAINARDI, R. M.; SUPHORONSKI, S. A.; DE PADUA, S. B.; ALFIERI, A. F.; PEREIRA, U. P., 2017.
- DUMRONGPHOL, Y.; HIROTA, T.; KONDO, H.; AOKI, T.; HIRONO, I., 2009.
- GOMES, S.; AFONSO, A.; GARTNER, F., 2006.
- GUDDING, R.; VAN MUISWINKEL, W. B., 2013.
- HASTEIN, T.; GUDDING, R.; EVENSEN, O., 2005.
- LEIRA, 2016.
- MARCUSO, P. F.; ETO, S. F.; CLAUDIANO, G. S.; VIEIRA, F. C. F.; SALVADOR, R.; ENGRÁCIA DE MORAES, J. R.; MORAES, F. R., 2015.
- MEDEIROS, 2025.
- NAKANISHI, T.; KIRYU, I.; OTOTAKE, M., 2002.
- NAKANISHI, T.; OTOTAKE, M., 1997.
- PRETTO-GIORDANO, L. G.; MULLER, E. E.; FREITAS, J. C.; SILVA, V. G., 2010.
- TORANZO, A. E.; MAGARIÑOS, B.; ROMALDE, J. L., 2005.